

PLACA FUNERÁRIA DA HERDADE DA PONTE DOS FRADES

Placa funerária, de mármore cinzento de Trigaches, achada junto ao Tanque dos Arrozés, na Herdade da Fonte dos Frades (freguesia de Baleizão, concelho de Beja), quando se procedia a trabalhos agrícolas¹.

Está guardada na Horta do Padre, da mesma herdade, onde a observámos e fotografámos².

Trata-se de um bloco irregularmente paralelepípedo, apenas alisado na face que ostenta a inscrição. Aliás, nem sequer houve o cuidado de fazer as arestas rigorosamente rectilíneas, porque a placa se destinava a ser incrustada no frontespício do monumento funerário, deixando à mostra somente a zona epigrafada.

Dimensões: 18 x 38 x 9/12.

C(*aius*) COSCONIVS / C(*aii*) • F(*ilius*) • GAL(*eria tribu*) • H(*ic*) • S(*itus*) • E(*st*) •

Aqui jaz Gaio Coscónio, filho de Gaio, da tribo Galéria.

Altura das letras: 1. 1: 5 (nexo NI = 6,7); 1. 2: 5/5,5. Espaços: 1: 3,4/2; 2: 2; 3: 3,5.

(¹) Existe nessa herdade uma *villa* romana, de que já foram postos a descoberto: uma sala com ábside, mosaicos e o peristilo da *domus* senhorial, e as termas. As ruínas, datáveis do século I ao V d. C., estendem-se por mais de 150 metros. Cf. ALARCÃO (Jorge de), *Roman Portugal*, Warminster, 1988, II, 3, p. 197, n.º 8/145.

Sita no território de *Pax Iulia*, a *villa* pertencia, pois, ao *conventus Pacensis*.

(²) Agradecemos à Senhora D. Cremilde Maria Rosado Fernandes Doderer, proprietária da herdade, e a seu irmão, o Senhor Professor Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes, que nos acompanhou na visita ao local, as facilidades concedidas para a realização deste trabalho.

Paginação segundo eixo de simetria, em que a pontuação, triangular, exerce também funções estéticas. Recurso ao (habitual) nexu NI como solução de emergência (veja-se o contraste entre o espaço interliterar no princípio e no fim da linha).

Caracteres do tipo monumental quadrado: C e O bem circulares, S simétrico e vertical, G de haste vertical e breve, H largo, barras horizontais. Um certo requinte nos vértices, que ostentam pequenas barras, índice da presença prévia de linhas auxiliares e, no caso do E e do F, de cuidado posto na gravação, feita com goiva.

Estamos, como dissemos, perante a placa dum monumento funerário familiar em que apenas o primeiro a ser sepultado vem identificado. Os demais familiares ali terão sido enterrados também, mas não se lhes fez memória lapidar.

Pertence o defunto à tribo Galéria, que é a de *Pax Iulia*. O seu gentilício não é frequente na epigrafia romana peninsular. De facto, a darmos crédito aos índices de ILER (p. 684), somente teríamos quatro testemunhos documentados: n.ºs 5660, 5664, 3566 e 5545. Para melhor enquadrarmos, no espaço e no tempo, a personagem memorada na Fonte dos Frades, talvez não seja despidendo referir, ainda que muito brevemente, o que se sabe de cada um deles.

Foi o primeiro Coscónio testemunhado um soldado da X Legião Gémea falecido em Samora. Inscrito na tribo Galéria, parece ser natural de *Arsa* ou *Arse*, porquanto, a seguir à menção da tribo, está grafado ARS, passível de desdobrar-se em *Arsensis*. Segundo Tovar³, há possibilidade de terem existido duas cidades com o nome de *Arsa*: uma na Betúria e outra no *conventus Gaditanus*. De qualquer modo, o adjectivo *Arsensis* figura, refere Tovar, na inscrição HAE 2085; aliás, o próprio Tovar alude também a este soldado. Francisco Beltrán prefere a grafia *Arse*, o nome ibérico da cidade romana de *Saguntum*, que teria sido elevada à categoria de município entre 56 e 4 a. C.⁴ Parece, portanto, aceite que, no caso vertente, estamos perante a menção da *origo* e não de um *cognomen*.

A segunda epígrafe, em bastante mau estado de conservação, identificada no concelho de Sintra, é relativa a um outro soldado,

(³) António TOVAR, *Iberische Landeskunde* (Baetica), Baden-Baden, 1974, 55 e 92.

(⁴) Francisco BELTRÁN LLORIS, *Epigrafia Latina de Saguntum y su territorio*, Valencia, 1980, p. 380-382.

talvez da XV Legião. Não sabemos qual o seu *praenomen*; recebeu, porém, um cognome tipicamente lusitano, *Reburrus* (no texto grafado com um só R)⁵.

A terceira inscrição assinala, em Écija, o espaço funerário do duúnviro *C. Cosconius Taurus* e de *Sulpicia Anus*. Inscrito na tribo Papíria, Tauro é, seguramente, cidadão de Mérida e nessa colónia terá exercido funções.

Finalmente, ILER 5545 refere o áugure *L. Cosconius*, natural de *Vallata*, uma *mansio* localizada perto de Astorga⁶.

A estes se hão-de juntar: a mirobrigense Coscónia Materna, de cujo monumento funerário se encontrou menção numa quinta da província de Badajoz (HEp 1 1989 n.º 87); *Q. Cosconius Cousanus* e uma outra *Cosconia* memorados no texto, procedente de Ciudad Real, que Géza Alföldy data da primeira metade do século I (cf. HEp 2 1990 n.º 282); o dedicante duma ara votiva do Museu de Segóvia, (...) *Cosconius Ovinianus* (HEp 3 1993 333). Recorde-se, a terminar, o antropónimo *Cosconius* a servir de *cognomen* na lista onomástica de Faro (IRCP 10).

Julgamos, pois, ter recolhido elementos bastantes para demonstrar a importância da «linhagem» com que Gaio Coscónio esteve relacionado. Não andaremos, certamente, longe da verdade se o considerarmos integrável na primeira leva de colonos itálicos de *Pax Iulia*.

Na verdade, pela paleografia, pelo modo de gravação, pela simplicidade do texto e pela ausência de *cognomen* do defunto, é monumento datável dos finais do século I antes da nossa era — o que está de acordo com o que se disse acerca dos outros testemunhos aduzidos.

RAFAEL A. E. ALFENIM
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

(⁵) Sobre esta inscrição, poderá ver-se ainda: HAE 1211; Scarlat LAMBRINO, «Les inscriptions de S. Miguel de Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises*, n. s., XVI, 1952, n.º 21, pp. 140-141; AE 1954 252; Fernando Bandeira FERREIRA, «Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas», *Brotéria* 61 (Nov. 1955) 420; Mário CARDOZO, *Catálogo das inscrições lapidárias do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1956, p. 37, n.º III.

(⁶) Gf. CIL II 2647 e Tomas MAÑANEZ PEREZ, *Epigrafia y Numismática de Astorga y Su Entorno*, Salamanca, 1982, p. 126 (n.º 122).



259